

consciência e o mundo do inconsciente, onde voltam ou ficam as representações obscuras e enfraquecidas.

Sem nos determos nos pormenores, quando Freud pensa a primeira tópica a representa como um conflito tripolar, Consciente, Pré-consciente, Inconsciente, redutível a dois, Consciente - Inconsciente. De Herbart herda a terminologia, uma concepção ampliada do psiquismo, a teoria dos afetos e o modelo dinâmico de seu funcionamento. Falando e pensando o psiquismo conforme o modelo herbartiano, Freud pensa situar sua descoberta na trilha de um pensador que fez a cabeça de famosos médicos alemães.

IV.3 - O modelo energético-econômico.³⁵

Além do modelo tópico-anatômico, do modelo dinâmico-psicológico, é imprescindível no mundo da ciência a dimensão de medida. A natureza da energia psíquica que circula no aparelho ainda não é identificada, nem Freud encontrou o logaritmo para medi-la, mas foi em Fechner e Helmholtz, especialmente neste último, que o Freud estudante de medicina considerava seu ídolo, que ele vai encontrar a terminologia e os conceitos básicos da física da época para falar do princípio do prazer-desprazer alicerçado no de entropia, o princípio de realidade regulado pelo de menor ação, o princípio de economia regido pelo princípio de conservação da energia.

Ao lermos Freud, mais de cinquenta anos depois de sua morte, nos interrogamos perplexos se podemos e devemos aceitar, junto com sua descoberta do inconsciente psicanalítico, a roupagem científica ou pretensamente científica com a qual a recobre.

Esta perplexidade não é apenas nossa. Não demoraram a surgir várias e variadas leituras e releituras na

³⁵ Cfr. ASSOUN, P.L. - Da dinâmica à econômica: o modelo Fechner-Helmholtziano. In - *Introdução à Epistemologia Freudiana*. O.c., p.165-212.

Alemanha, nos Estados Unidos, na França em busca do verdadeiro Freud, ou questionando a vertente hermenêutica ou a pretensão científica da Psicanálise.

V - As várias e variadas leituras de Freud.³⁶

Tentativas de situar o pensamento de Freud dentro do contexto histórico-cultural surgiram muito cedo, quando Freud ainda estava vivo. O que se pretendia não era tanto negar sua originalidade, quanto denunciar os pressupostos determinísticos, mecanicistas, materialistas subjacentes à teoria psicanalítica e evidenciar a visão empobrecedora do homem nela contida.

A Psicanálise, em outras palavras, nasceu num determinado ambiente que acabou determinando sua deficiência básica: ausência de uma visão mais aberta do homem e de uma explicação mais variada e enriquecedora do seu mundo específico, seja ele o patológico, mas especialmente o normal e o cultural.

V.1 - Binswanger.

Entre as críticas que mais se notabilizaram registramos as de Ludwig Binswanger que em 1936 publica um artigo intitulado "A concepção freudiana à luz da antropologia". Nele o autor contrapõe a antropologia subjacente ao freudismo com a antropologia clássica e humanista. O homem que emerge das teorias psicanalíticas é o "homo natura", um ser puramente imanente à natureza, uma concepção enraizada no *Zeitgeist*

³⁶ Cfr. ASSOUN, P.L. - Introdução. Estado do problema. In *Introdução à Epistemologia Freudiana*. O.c., p.19-44. Cfr. BIRMAN, J. - Leituras sobre a cientificidade da Psicanálise. In - *Psicanálise, Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994, p. 54-65. Cfr. MONZANI, L.R. - Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. In AA.VV. - *Filosofia da Psicanálise*. S. Paulo, Brasiliense, 1991, p.111-138.

científico do século XIX. Esta concepção não é falsa, mas muito empobrecedora. Freud não viu a outra dimensão do homem, a transcendente, o 'homo caelestis, aeternus, universalis, historicus'. Em suma, falta ao homo freudiano um suplemento de alma. O remédio consiste em complementar as contribuições da psicanálise com as da filosofia fenomenológica existencial.

O artigo de Binswanger é um marco histórico. Outras interpretações se sucederam opostas e irreconciliáveis, partindo das colocações dele.

Alguns autores reconheceram que a leitura de Freud na ótica biológica, neurológica e físico-química era a única possível e a única verdadeira. Não teria sentido falar em cérebro e mente. A dimensão mental é reabsorvida na única dimensão do homem naturalista, determinista, mecanicista e materialista.

Este tipo de leitura foi reforçado com a publicação nos anos 50 de um escrito póstumo de Freud, o Projeto de uma psicologia para neurologistas escrito em 1895. Alguns autores viram nele um esboço de metapsicologia totalmente alicerçado em base neuro-fisiológica como o paradigma de referência para compreender os outros escritos metapsicológicos posteriores. Esta última somente é psicológica na aparência, mas de fato é neuro-psicológica. Não há um corte na caminhada freudiana do estudo do cérebro para o estudo da mente, como parece insinuar a Interpretação dos sonhos. O famoso capítulo VII desta obra nada mais faz do que retomar a explicação metapsicológica esboçada no projeto de 1895.

Para os mais radicais, Freud foi um psicólogo mascarado. Ele nunca deixou de ser um neuro-fisiologista e nunca saiu, metaforicamente, do laboratório de fisiologia de Brücke.

Quem achar que seria demais afirmar que a obra freudiana se inscreve totalmente e exclusivamente na esfera da neurologia pode aderir a posições mais moderadas.

Alguns reconhecem que houve uma passagem de uma psicologia para neurologistas para uma psicologia para psicólogos, mas esta última seria uma degenerescência, apenas uma metáfora literária. A verdadeira estaria contida no projeto de 1895. É uma posição difícil de sustentar, porque a pretensa verdadeira psicologia freudiana não foi publicada e a que foi publicada (mais de 20 volumes na edição standard brasileira) seria a disfarçada. Tese difícil de defender, mas não absurda.

Todas estas posições, evidentemente, descartam qualquer dualismo. A expressão cérebro-mente é simplesmente uma expressão vazia. Em suma, a obra freudiana no seu todo deve ser lida como uma partitura musical numa única chave que a tornaria verdadeiramente inteligível e coerente: a chave neurobiológica.

Reduzir, porém, toda a obra freudiana a um discurso energético e positivista é ignorar todo um outro discurso freudiano que se articula em torno do sentido. Decifração e interpretação não são as grandes tarefas da psicanálise? Sentido dos sonhos, dos sintomas, das parapraxias, das obras de arte, dos ídolos e dos mitos.

A verdadeira chave para que a sinfonia freudiana possa realmente ser ouvida na sua complexidade e originalidade é a chave hermenêutica. O Freud verdadeiro não é o neurologista, mas o Édipo moderno que desvenda o enigma da esfinge.

V.2 - Hyppolite.³⁷

Retomando o debate teórico sobre a leitura de Freud, surgido na França especialmente a partir da obra de Dalbiez, Jean Hyppolite, na década dos anos cinquenta, escreve um livro destinado a marcar posição sobre a interpretação de Freud. O

³⁷ Cfr. BIRMAN, J. - *A filosofia e o discurso freudiano: Hyppolite, leitor de Freud*. In - O. c., pp. 66-77

título é significativo: *Psicanálise e Filosofia*.³⁸

A leitura da obra freudiana, na ótica filosófica, causou-lhe uma sensação de ambivalência: surpresa e decepção.

A surpresa positiva se relacionava com o caráter da busca e descoberta psicanalítica. A decepção com a roupagem positiva de que se revestiu a descoberta do inconsciente. Percebia que havia uma revolução interessante na abordagem dos fenômenos psíquicos, entendidos como fenômenos portadores de sentido, mesmo que pela mediação de significantes inicialmente incompreensíveis. Era necessário, porém, exorcizar o demônio energético, inimigo mortal do sentido.

Segundo a ótica desta leitura, Freud teria tentado se equilibrar entre cérebro e mente, entre uma representação energética do funcionamento do aparelho psíquico e uma interpretação hermenêutica dos dialetos falados pelo inconsciente. O deslocamento freqüente em Freud entre naturalismo e hermenêutica, explicação e compreensão produziu uma mistura original, mas o verdadeiro Freud e que deveria ser salvo era o investigador da mente e não o pesquisador do cérebro.

Caberia ao trabalho filosófico retraduzir a mensagem de Freud numa outra linguagem mais apropriada à novidade da descoberta freudiana; o inconsciente psicanalítico, uma linguagem finalmente liberta do jugo positivista. Deste casamento entre Psicanálise e Fenomenologia nasceria a psicanálise existencial. Desta maneira poderíamos jogar fora a água suja e salvaríamos a criança.

Apesar das críticas que podem ser feitas a esta leitura cindida de um Freud energético e de um Freud hermeneuta, é inegável que Hyppolite ultrapassa a leitura de Binswanger. Não é verdade que a psicanálise freudiana nos revela apenas o “homo natura”. Vislumbrou que a Psicanálise pode fornecer uma nova compreensão do homem ao nos revelar que a mente, a

consciência, está cortada de alguns sentidos que escapam ao sujeito. Caberia à psicanálise reconstruir a totalidade significativa pela mediação da comunicação psicanalítica: escuta e decifração.

Segundo Hyppolite o pensamento de Freud “não cessou de evoluir, de se retificar, obcecado pela preocupação única da verdade e o sentimento de um desvelamento das raízes humanas. Podemos, às vezes, indignar-nos com a linguagem positivista de Freud médico, que era aquela de sua época, mas não devemos esquecer a evolução que o conduziu de uma fisiologia dinâmica à psicologia. Sem cessar, Freud remanejou seus esquemas, modificou sua linguagem, como em busca de uma verdade pressentida mas jamais definitivamente elaborada”.³⁹

Teria Hyppolite encontrado o fio de Ariadne que levasse o leitor a encontrar o essencial da psicanálise sem perder-se no labirinto de suas explicações positivistas?

V.3 - Ricoeur.

Na década dos anos 60, P. Ricoeur retoma as intuições de Dalbiez, seu primeiro mestre de Filosofia e do próprio Hyppolite e surpreende positivamente o mundo filosófico e o próprio mundo psicanalítico com a obra hoje já considerada clássica *Da interpretação: ensaio sobre Freud*.⁴⁰

Pergunta-se, inicialmente, se um filósofo, que não é analista, nem passou por um processo de análise, pode ter acesso a um discurso competente sobre Freud. Em outras palavras, é possível a um filósofo compreender, enquanto filósofo, a teoria psicanalítica e mesmo, parcialmente, a experiência psicanalítica?

A resposta para Ricoeur é afirmativa por dois motivos. “Em primeiro lugar, porque Freud escreveu uma obra

³⁹ Texto citado por MONZANI, L.R. - *O.c.*, p.120.

⁴⁰ RICOEUR, P. - *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

³⁸ HYPOLITE, J.- *Ensaio de psicanálise e filosofia*. Rio de Janeiro, Ed. Timbre Taurus, 1989.

que não se dirige a seus alunos, a seus colegas ou a seus pacientes, mas a todos nós: ao fazer conferências, ao publicar livros, aceitou ser situado por seus leitores e seus ouvintes no mesmo campo de discussão que os filósofos”.⁴¹

Em segundo lugar, porque o objeto de investigação da psicanálise não é de domínio exclusivo dos psicanalistas, visto que ele “não é, como se poderia dizer apressadamente, o desejo humano, o desejo (*Wunsch*), a libido, a pulsão, eros (todos esses termos têm um sentido contextual preciso), mas o desejo numa relação mais ou menos conflitual com um mundo da cultura, com um pai e uma mãe, com autoridades, com os imperativos e as interdições, com obras de arte, com objetivos sociais e ídolos. É por isso que, quando Freud escreve sobre arte, moral e a religião, não estende mais tarde, à realidade cultural uma ciência e uma prática que teriam antes encontrado seu lugar determinado na biologia humana, ou na psicofisiologia; de imediato, sua ciência e sua prática se mantêm no ponto de articulação do desejo e da cultura. Quer tomemos *A interpretação dos sonhos* ou os *Três ensaios sobre a sexualidade*, para considerarmos duas das primeiras obras, o plano pulsional é tomado em sua relação com uma ‘censura’, com ‘diques’, ‘interdições’, e ‘ideais’. A figura nuclear do pai, no episódio edipiano, é somente o centro de gravitação desse sistema”.⁴²

Contrariamente a seus predecessores, Ricoeur reconhece que não é possível separar, em Freud, doutrina e método, o psicólogo e o médico, o discurso sobre o cérebro e o discurso sobre a mente. Existem, sim, de fato dois discursos que podemos distinguir, mas não separar, em Freud. O primeiro aborda questões de sentido: sentido dos sonhos, dos sintomas, dos jogos de palavras, da cultura. O segundo: questões de força: investimento, desinvestimento, energia, conflito, recalque.

Tem-se a impressão que, alternadamente, a psicanálise explica os fenômenos psíquicos ora por conflitos de forças e, portanto, de energia, ora por uma exegese do sentido manifesto pelo sentido latente. “Os escritos de Freud se apresentam, de imediato, como um discurso misto, até mesmo ambíguo, que ora enuncia conflitos de força justificando uma energética, ora relações de sentido justificando uma hermenêutica”.⁴³

Este discurso misto não é equívoco, nos diz P. Ricoeur, mas “adequado à realidade que pretende explicar, a saber, a ligação do sentido com a força numa semântica do desejo.

Essa leitura faz justiça aos aspectos mais realistas e mais naturalistas da teoria freudiana, sem jamais deixar de tratar as ‘pulsões’, o ‘inconsciente’, o ‘Id’, como significados decifrados em seus efeitos de sentido”.⁴⁴

Em outras palavras, as questões de sentido encontram-se interligadas com questões de forças. Isso é claramente manifesto no conceito psicanalítico de pulsão, o qual não pode ser reduzido ao conceito neurofisiológico de instinto, mas nem a um conceito puramente psicológico, desvinculado de sua fonte somática. “O representante da pulsão, nos diz Ricoeur - não é nem biológico, nem semiótico; delegado pela pulsão e prometido à linguagem, só revela a pulsão em seus rebentos e não acede à linguagem senão pelas combinações artificiosas dos ‘investimentos de coisas’, aquém mesmo das representações verbais”.⁴⁵

Em outras palavras, a pulsão não é apreensível em si mesma, mas só nos é acessível na medida em que ela se torna linguagem, através de seus representantes psíquicos, através de seus efeitos de sentido. A decifração do sentido distorcido nos

⁴¹ RICOEUR, P. - *O conflito das interpretações*. Rio de Janeiro, Imago, 1978, p.139.

⁴² RICOEUR, P. - *O.c.*, p.140.

⁴³ RICOEUR, P. - *Da interpretação*. *O.c.*, p.67.

⁴⁴ RICOEUR, P. - *O conflito das interpretações*. *O.c.*, p.137.

⁴⁵ RICOEUR, P. - *O.c.*, p.144.

conduzirá ao desejo. Desta maneira, a fidelidade ao discurso freudiano, uma leitura não tendenciosa de Freud nos desautoriza a colocar a psicanálise totalmente do lado das ciências da natureza, como também totalmente do lado da semiologia.

O discurso de Freud não articula força e sentido em todo às suas obras e da mesma maneira. Ricoeur distingue três momentos ou três conjuntos de obras. O primeiro é constituído pelas obras mais antigas de Freud, onde encontraríamos uma energética sem hermenêutica. O exemplo típico deste primeiro momento é o famoso *Projeto de 1895*, uma psicologia para neurologistas e que “representa o que poderia chamar - diz P. Ricoeur - um estado não hermenêutico do sistema”.⁴⁶

Já na *Interpretação dos Sonhos*, energética e hermenêutica estão presentes de uma maneira ostensiva, mesmo que ainda não plenamente integradas.

“O difícil cap. VII de *A Interpretação dos Sonhos* é, incontestavelmente, o herdeiro do “Projeto” de 1895. Não tendo sido esse “Projeto” publicado pelo próprio Freud, podemos dizer que é em *A Interpretação dos Sonhos* que ele se salva. No entanto, duas mudanças pelo menos intervieram. A primeira é demasiado importante para que tivesse escapado: o aparelho psíquico de *A Interpretação dos Sonhos* funciona sem referência anatômica, é um aparelho psíquico... fala-se de idéias investidas e não mais de neurônios investidos”.⁴⁷

Será, porém, somente nos escritos de metapsicologia que as duas exigências do discurso psicanalítico alcançam sua maturidade e seu ponto de equilíbrio. “De um lado, esses escritos tematizam de modo coerente o ponto de vista tópico-econômico naquilo que chamamos a primeira tópica: Inconsciente-Pré-consciente-Consciente; de outro, mostram uma nova articulação - ‘no’ próprio inconsciente - entre pulsão (*Trieb*) e representação

(*Vorstellung*)”.⁴⁸ No inconsciente freudiano encontramos o ponto de união entre pulsão, a qual remete sempre a uma exigência de pressão e de força, com suas expressões psíquicas que são as representações.

Eis aí o que Ricoeur chama de aporia freudiana ou, diria eu, o desafio que a psicanálise coloca a psicólogos, filósofos e neurologistas: é possível esta convivência entre força e sentido? Como conceber um aparelho psíquico, uma mente, que é atravessado por forças que são recebidas, transformadas e deslocadas por ele? Estamos marcados para sempre pelo dualismo cartesiano que relega quantidade, energia, jogo de forças ao somático, relegando ao mental o pensamento, as representações, suas articulações e conseqüentes possibilidades de decifração e de interpretação?

Se permanecermos ancorados aos conceitos do somático e do psíquico herdados da modernidade será difícil, senão impossível, compreender Freud, e continuaremos a colocar mente e cérebro em oposição, relegando o discurso da força ao cérebro e o discurso do sentido à mente.

V.4 - Althusser.

No mesmo ano da publicação do livro de Ricoeur *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*, era publicado na França, em 1965, um artigo de Althusser sobre Freud e Lacan.⁴⁹

Mais um não psicanalista, tentando por uma certa ordem no caos de interpretações do pensamento de Freud que resultaram em equívocos e riscos ideológicos.

A nota preliminar situa o trabalho de Lacan como tentativa de recuperar a originalidade da intuição freudiana, salvaguardando o escândalo da descoberta que a ‘Razão

⁴⁸ RICOEUR, P. - O.c., p.105.

⁴⁹ ALTHUSSER, L. - Freud e Lacan. In AA.VV. - *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Barcelos, Portugália Editora, 1973, p.229-255.

⁴⁶ RICOEUR, P. - *Da interpretação*. O.c., p.69.

⁴⁷ RICOEUR, P. - O.c., p.83.

Ocidental' tentou digerir e apropriar-se dela, reduzindo a psicanálise à biologia, psicologia, medicina, filosofia ou sociologia.

Na realidade a psicanálise não se identifica com estas distorções de que ela foi em parte cúmplice e vítima. Era necessário voltar ao Freud maduro e redescobrir o caráter revolucionário e irreduzível de sua descoberta: o inconsciente psicanalítico.

O objeto específico da psicanálise, de fato, não é a técnica, nem a prática analítica, nem a cura em si, "mas os efeitos prolongados no adulto que sobrevive, dessa extraordinária aventura que, desde o nascimento até a liquidação do complexo de Édipo, transforma um pequeno animal, concebido por um homem e uma mulher, numa criança humana";⁵⁰ numa palavra, o inconsciente.

O instrumental teórico de que se serviu Lacan, para esta releitura de Freud, foi tirado de uma ciência nova, a lingüística, a qual permite dar à descoberta de Freud conceitos teóricos adequados, superando o modelo físico-biologizante do primeiro Freud que teve de tomar emprestado os conceitos teóricos a outras disciplinas.

A tese fundamental de Lacan é que o objeto específico da Psicanálise é o Inconsciente e que este está estruturado como linguagem.

Visto que a partir de Ferdinando de Saussure privilegia-se a semiologia sobre a semântica, o significante sobre os significados, afirmar que o inconsciente está estruturado como linguagem é o mesmo que afirmar o primado e a autonomia do significante sobre o significado. O inconsciente seria constituído pelo conjunto de cadeia de significantes, cujas regras, ou leis, ou jogos, são formalmente idênticos às formas lingüísticas da metáfora e da metonímia. O próprio Freud, por sinal, já tinha identificado o mecanismo da linguagem do inconsciente nos

sonhos, atos falhos, chistes, sintomas, identificando a condensação e o deslocamento na metáfora e na metonímia.

A originalidade de Lacan estaria em retomar e explicitar a intuição freudiana graça às contribuições da lingüística e de uma filosofia da linguagem.

A linguagem é relevante para a psicanálise, não apenas porque é a mediação da cura analítica, a cura pela fala, mas pela sua função estruturante do 'humano', constituindo-se como a causadora da emergência da subjetividade na criança.

A marcha forçada que o pequeno animal humano tem que percorrer para chegar à sua subjetividade, sem que o êxito final esteja garantido para todos, passa por duas etapas fundamentais. A primeira, a do imaginário, caracterizado por uma relação simbiótica dual, sem mediação, da criança com a mãe. A segunda, a do simbólico, quando se dá o salto para a subjetividade.

O acesso à dimensão simbólica, a dimensão propriamente humana, se dá no complexo de Édipo, quando a ordem do imaginário é rompida pela intervenção do Pai, símbolo da Lei, do Terceiro, que acaba com a relação dual mãe-filho, estabelecendo uma relação ternária pela introdução de uma Lei que é imposta à criança: a Lei da Cultura.

VI. A psicanálise freudiana: cavalo de tróia da cultura contemporânea.

Talvez, após seguirmos as pegadas dos grandes mestres, nos sintamos meio perdidos, como quando iniciamos a caminhada. Parece que a obra de Freud se situa na interseção de três mundos: o cerebral-somático, o mental-psicológico e o histórico-cultural.

A tentação de desatar este nó, como Alexandre fez com o famoso nó de Górdio, isso é com violência, não passa de mais uma das arduas resistências ao 'inedito' da Psicanálise.

⁵⁰ ALTHUSSER, L. - *O.c.*, p.241-242.

VI.1 - As resistências iniciais.

Em vários escritos Freud aborda o tema das resistências à psicanálise de seus contemporâneos e, naturalmente, as analisa à luz dos próprios princípios psicanalíticos. As reações às novidades psicanalíticas seriam mais de ordem emocional do que propriamente racional. No fundo, o motivo verdadeiro reside no medo à verdade, na recusa da ferida narcísica aberta pela revolução da psicanálise, ao lembrar ao homem que “o ego não é o senhor da sua própria casa”.⁵¹

Em 1925, porém, Freud faz uma profecia; “essa resistência - escreve no artigo *As resistências à psicanálise* - não pode durar para sempre. Nenhuma instituição humana pode, a longo prazo, escapar à influência da crítica legítima”.⁵²

VI.2 - A domesticação da Psicanálise.

De fato, a cultura contemporânea absorveu Freud, talvez mais para consumi-lo do que para se deixar questionar por ele.

“A Razão Ocidental - nos diz Althusser - (razão jurídica, religiosa, moral e política, tanto quanto científica) não consentiu com efeito, depois de anos de desconhecimento, desprezo e injúrias... em assinar um pacto de coexistência pacífica com a psicanálise, a não ser com a condição de a anexar às suas próprias ciências e aos seus próprios mitos: à psicologia, quer ela seja behaviorista (Dalbiez) ou fenomenológica (Merleau-Ponty) ou existencialista (Sartre); à bioneurologia, mais ou menos jaksoniana (Ey); à ‘sociologia’ de tipo ‘culturalista’ ou ‘antropológico’ (dominante nos EUA : Kardiner, M. Mead, etc.) e

à filosofia (cf. a ‘psicanálise existencial’ de Sartre, a análise do ‘Dasein’ de Binswanger, etc.)”.⁵³

É inegável que houve uma tentativa de anexação da psicanálise a outros domínios do saber, bem como uma vulgarização cada vez maior do jargão psicanalítico. A psicanálise desocultou e desmitizou o homem. Podemos questionar estas influências curtas e reações imediatas,⁵⁴ mas é inegável que ela hoje exerce um certo fascínio sobre nossos contemporâneos, especialmente aqui no Brasil, onde, segundo Sérvulo Figueira, teria-se instalado uma verdadeira cultura psicanalítica.⁵⁵

O fato é que todos os saberes querem arrastar para dentro de suas cidadelas este verdadeiro presente de grego que Freud nos deixou, desde que expurgado do perigo do “inedito”. Não desapareceram - e com razão - as suspeitas de que no seu ventre possa se esconder uma filosofia subversiva, um cientificismo anacrônico, uma novidade epistemológica que faz explodir os parâmetros científicos do passado ou até uma simples “prática orgulhosa ou envergonhada de não ser mais do que a magia social dos tempos modernos”.⁵⁶

Seja qual for nossa avaliação pessoal, a pesquisa freudiana sobre cérebro e mente parece apontar para uma verdadeira revolução, que ele vislumbrou e evocou na célebre passagem onde alinha sua descoberta à revolução darwiniana e copernicana.

⁵³ ALTHUSSER, L. - *O.c.*, p.238.

⁵⁴ Cfr. RICOEUR, P. - A Psicanálise e o Movimento da Cultura Contemporânea. In - *O conflito das interpretações*. *O.c.*, p.105-136.

⁵⁵ Cfr. FIGUEIRA, S. - Psicanálise e pacientes na cultura psicanalítica. In AA.VV. - *O efeito psi: influências sociais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Campus, 1988, p.131-149.

⁵⁶ ALTHUSSER, L. - *O.c.*, p.235.

⁵¹ FREUD, S. - *Uma dificuldade no caminho da Psicanálise*. Vol. XVII, p.178.

⁵² FREUD, S. - *As resistências à Psicanálise*. Vol. XIX, p.273.

Longe de ter o otimismo das palavras de Haeckel, que parece foi o primeiro a relacionar os dois grandes homens,⁵⁷ Freud nos lembra que há um descentramento progressivo do sujeito e que a vida humana tem um certo caráter trágico, que cada ser humano nunca pode esquecer.

VI.3 - O 'trágico' da Psicanálise.

Primeiro, o trágico do destino infantil. Por possuímos uma infância tão prolongada somos profundamente marcados por esta nossa pré-história que nos puxa para trás e nos leva a comportamentos estereotipados. A infância é o nosso destino. Ancorados nele temos dificuldade de construir uma história nossa e de nos tornar adultos.

Freud tentou descrever a “longa marcha forçada, que, de larvas de mamífero, transforma as crianças humanas em sujeitos”.⁵⁸ Esta longa caminhada está marcada por sucessos e derrotas. De qualquer maneira é uma caminhada obrigatória, no fim da qual a maioria alcança, sem grandes prejuízos, o mundo adulto, enquanto outros se perdem na psicose, na loucura ou na doença orgânica.

Segundo, o trágico do Ego, pobre diabo, servindo a três senhores, evidenciando a dimensão conflitiva do ser humano.

“Assim, o ego, pressionado pelo id, confinado pelo superego, repellido pela realidade, luta por exercer eficientemente sua incumbência econômica de instituir a harmonia entre as forças e as influências que atuam nele e sobre ele; e podemos compreender como é que com tanta frequência não podemos reprimir uma exclamação: ‘a vida não é fácil!’”.⁵⁹

⁵⁷ Cfr. ASSOUN, P.L. - A parábola copérnico-darwiniana e sua origem haeckeliana. In - *Introdução à epistemologia freudiana*. O.c., p.216-226.

⁵⁸ ALTHUSSER, L. - *O.c.*, p.243.

⁵⁹ FREUD, S. - *A dissecação da personalidade psíquica*. Vol. XXII, p.99.

Terceiro, o trágico do Id, que aponta para o caráter errante do desejo humano e para a dificuldade de amar e ser amado de uma maneira saudável e não neurótica.

Quarto, o trágico do superego: a dificuldade de se julgar de modo adequado e de assumir a culpa não neurótica. As exigências de ultrapassar a moral vigente rumo a uma ética que é necessário se dar para possibilitar a emergência e sobrevivência da cultura.

Quinto, o trágico da existência humana. Somos impelidos à felicidade, visto que o princípio do prazer regula o funcionamento do aparelho psíquico, desde o início de nossa existência, mas, infelizmente, nos diz Freud “ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da Criação”.⁶⁰ Freud certamente assinaria os versos do nosso poeta: tristeza não tem fim; felicidade, sim.

Sexto e último, o trágico da cultura, evidenciado na luta de gigantes entre Eros e Thanatos, sem que esteja garantida a vitória do primeiro sobre o segundo. “É essa batalha de gigantes que nossas babás tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o Céu”.⁶¹

VI.4 - Cérebro e mente no futuro da Psicanálise.

Quanto ao futuro da psicanálise no mundo da ciência em geral e da psiquiatria em particular o discurso de Freud destaca o caráter introdutório e provisório de suas explicações.

“A psiquiatria, escreve Freud em *Dois verbetes de enciclopédia*, é na atualidade essencialmente uma ciência descritiva e classificatória cuja orientação ainda é no sentido do somático, de preferência ao psicológico, e que se acha sem possibilidade de fornecer explicações aos fenômenos que observa. A psicanálise, contudo, não se coloca em oposição a ela, como o comportamento

⁶⁰ FREUD, S. - *O mal-estar na civilização*. Vol. XXI, p.95.

⁶¹ FREUD, S. - *O.c.*, p.145.

quase unânime dos psiquiatras poderia levar-nos a acreditar. Pelo contrário, como uma psicologia profunda, uma psicologia daqueles processos da vida mental que são retirados da consciência, ela é convocada a dar à psiquiatria um fundamento indispensável e a libertá-la de suas atuais limitações. Podemos prever que o futuro dará origem a uma psiquiatria científica, à qual a psicanálise serviu de introdução”.⁶²

A psicanálise encontra-se entre o já conhecido do cérebro e o ainda ignorado. Neste espaço que não é nem da anatomia, nem da química, nem da física, situa-se a explicação psicanalítica.

Quando, porém, o modelo tópico assentar numa anatomia, o modelo dinâmico numa substância química e o modelo econômico numa quantificação da energia, a psicanálise chegará a seu fim. Fim nos dois sentidos, objetivo final de sua pesquisa e fim de sua razão de ser. A sua perfeição será sua morte.

Enquanto isso, a psicanálise reivindica uma certa autonomia e importância das suas descobertas sobre o mundo humano, integrando indissociavelmente cérebro, mente e o mundo da história e da cultura. Se não é um farol, não deixa de ser um pequeno raio a iluminar a existência humana.⁶³

Chegamos ao fim de nossa conferência. Ao mesmo tempo que vos agradeço pela atenção que me dispensaram, desejo a todos vocês um trabalho fecundo neste simpósio sobre cérebro que hoje estamos abrindo. Parafraseando as palavras do interlocutor de Zaratustra, com as quais abrimos esta conferência, cada um de nós possa também dizer: O cérebro humano “é o meu domínio... É este o meu reino! Por isso deixei de lado tudo o mais; por isso, tudo o mais tornou-se-me indiferente; e junto à minha ciência estende-se a minha profunda ignorância”.⁶⁴

Referências Bibliográficas.

ALTHUSSER, L. - Freud e Lacan. In AA.VV. - *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Barcelos, Portugália Editora, 1973, p.229-255.

ASSOUN, P.L. - *Freud, a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

——— - *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

BIRMAN, J. - *Psicanálise, Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

FIGUEIRA, S.A. - Psicanálise e pacientes na cultura psicanalítica. In - *O efeito psi: influências sociais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Campus, 1988, p.131-149.

FREUD, S. - *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

——— - *Correspondência de amor e outras cartas, 1873 - 1939*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

GAY, P. - *Freud: uma vida para o nosso tempo*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1989.

HYPOLITE, J. - *Ensaio de psicanálise e filosofia*. Rio de Janeiro, Ed. Timbre Taurus, 1989.

JONES, H. - *Vida e Obras de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

⁶² FREUD, S. - *Dois verbetes de enciclopédia*. Vol. XVIII, p.304.

⁶³ RICOEUR, P. - *O conflito das interpretações*. O.c., 142.

⁶⁴ NIETZSCHE, F. - *O.c.*, p.190.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. - *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa, Moraes Editores, 1976.

MONZANI, L.R. - Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. *In* AA.VV. - *Filosofia da Psicanálise*. S. Paulo, Brasiliense, 1991.

RICOEUR, P. - *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

——— - *O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro, Imago, 1978.